

Futebol, religião e política entram em campo

Francisco José Nunes – Cásper Líbero

## 1. Introdução

O ditado popular diz que “futebol, religião e política não se discute”. Entretanto, no dia a dia, trata-se da tríade mais discutida. Abordar os três temas na perspectiva das Ciências Sociais representa um enorme desafio, contudo, após enfrentá-lo, passamos a compreender diversos aspectos da sociedade contemporânea.

O presente artigo toma como objeto de estudo o movimento evangélico denominado “Atletas de Cristo”. Trata-se de um estudo sobre as relações entre as mudanças ocorridas no “mundo do futebol” e as mudanças políticas e religiosas ocorridas no Brasil, especialmente nas décadas de 1970 e 1990.

O movimento Atletas de Cristo nasceu em abril de 1978, em Belo Horizonte (MG), com o pastor Abrahão Soares e o goleiro João Leite (Atlético – MG). É um movimento formado por atletas evangélicos que atuam nas mais variadas modalidades esportivas e que pertencem a diversas igrejas evangélicas sendo, por isso, um movimento paraeclesialístico. O conceito “evangélico” aqui usado refere-se a todos os seguidores das igrejas: protestantes, pentecostais e neopentecostais.

## 2. Copa, Ditadura e lutas democráticas

O período em que nasce o movimento Atletas de Cristo é marcado por inúmeros movimentos sociais que exigem mudanças na sociedade brasileira, principalmente o fim da ditadura militar e o retorno da democracia. Entre abril de 1978 – realização das primeiras reuniões; e 1994, conquista brasileira do Tetracampeonato Mundial de Futebol; ocorrem inúmeras mudanças na política, no futebol e nas práticas religiosas. Até então, última copa do Mundo conquistada pelo Brasil fora em 1970. Até 1994 o Brasil passou por um jejum de 24 anos.

Em 1978 a Copa realizou-se na Argentina, entre 1º e 25 de junho. Em plena ditadura militar, o General Videla, presidente da Argentina tirou o máximo de proveito. Em meio a denúncias de tortura e “desaparecidos” políticos, esta foi a primeira Copa a sofrer boicotes políticos. Desde a Copa de 1934, o Campeonato Mundial de Futebol não havia mais sido usado politicamente com tanta ênfase. Em 34, na Itália, Mussolini tirou proveito

da conquista italiana, que foi campeã novamente em 1938, ainda sob seu Governo. Mais tarde Mussolini foi morto pelo seu povo e pendurado de cabeça para baixo, em 1945, após a derrota de Hitler!

O General Videla gastou muito dinheiro para organizar o mundial e impressionar o mundo. O objetivo era evidente: legitimar o regime político. O resultado foi insignificante. Os grupos democráticos que lutavam contra a ditadura militar declararam trégua durante a competição. É importante lembrar que o técnico da Seleção Argentina, César Luís Menotti, era publicamente contrário ao regime militar. A Holanda, seleção vice-campeã, em protesto ao receber as medalhas, recusou-se a cumprimentar o ditador argentino.

Não bastasse a intromissão do autoritarismo militar, a Copa de 1978 também foi marcada por denúncias de corrupção. Para conquistar sua classificação, a Argentina precisava vencer o Peru por uma diferença de quatro gols e assim ultrapassar o Brasil. O Peru já estava desclassificado, mas vencer uma partida, em Copa do Mundo, com a diferença de quatro gols é difícil. No entanto a Argentina venceu por 6 a 0. Após esta partida de futebol as relações entre os dois países melhoraram substancialmente, “com a doação de grãos e a liberação de crédito argentino para o Governo Peruano, e muitos duvidaram da existência de um benefício financeiro mais direto para alguns jogadores peruanos” (MURRAY, 2000, 225).

O técnico da Seleção Brasileira de 1978 foi Cláudio Coutinho, um oficial militar (capitão do Exército), especialista em Educação Física e responsável pela supervalorização da preparação física em detrimento da criatividade do craque brasileiro, tão bem representada por Garrincha, Sócrates e Romário. Se por este aspecto Coutinho foi muito criticado, por outro lado ele contribuiu com a “modernização” do futebol brasileiro. Entenda-se por modernização, neste caso, o fato de introduzir ostensivamente o uso de várias ciências na prática do futebol. Tostão, um dos poucos craques da Seleção de 1970, politicamente progressista e, portanto, insuspeito para fazer tal declaração, reconhece a contribuição de Coutinho: “Na minha época, não havia jogadas ensaiadas, estatísticas, análise técnica individual e coletiva dos adversários, nutrição especial, exame de lactato para medir a função muscular, fisiologia do esforço, psicólogo nem pensar, artroscopia, computadores etc. Tudo isso foi importante para o futebol e para todos os esportes. Carlos Alberto Parreira, Cláudio Coutinho e outros foram os responsáveis, precursores do futebol científico, e muito devemos a eles” (TOSTÃO, 1997, 12). Coutinho assumiu a função de técnico da Seleção Brasileira, no lugar de Oswaldo Brandão, durante as eliminatórias da Copa do Mundo, na preparação para o jogo em que o Brasil venceu a Colômbia por seis a

zero, no dia 19 de março de 1977. Com a “inacreditável” vitória da Argentina frente ao Peru, o Brasil ficou em 3º lugar, a Itália em 4º lugar e a Holanda em 2º lugar. Coutinho criou a famosa expressão; “Brasil campeão moral”.

O ano de 1978 no Brasil fo marcado pelo início das greves operárias, especialmente na região do Grande ABC paulista; crescimento dos movimentos populares; consolidação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Teologia da Libertação; iniciou-se a “abertura política”, graças ao fracasso do “milagre econômico” e à pressão das forças democráticas, representadas pelo movimento sindical., a ala progressista do MDB, OAB, CNBB, intelectuais de esquerda, entre outros. Nos anos seguintes virão a anistia política, o retorno dos exilados e a reformulação partidária. No dia 11 de fevereiro de 1979, a torcida do Corinthians estendeu uma enorme faixa no estádio do Morumbi, onde estavam presentes 100 mil pessoas: “Anistia ampla, geral e irrestrita” (KFOURI, 1998, 36).

É inevitável esbarrar aqui na tradicional polêmica: “O futebol é o ópio do povo?”. Hoje, já existe um certo consenso de que tanto o futebol como o carnaval não são necessariamente alienantes, mas podem ser usados para este fim. Assim como a religião. Não consta que algum time de futebol tenha sido fundado com a finalidade de desviar a atenção dos torcedores para as verdadeiras causas dos problemas sociais. Basta lembrar que, entre outros exemplos, é neste mesmo período ( final da década de 1970 e início da década de 1980) que surge a famosa “democracia corintiana”. Movimento liderado pelos jogadores Sócrates, Wladimir e Casagrande, com o dirigente esportivo e sociólogo Adilson Monteiro Alves. Diante de uma estrutura autoritária que até hoje impera no futebol, a “democracia corintiana” representou um tubo de oxigênio no ambiente esportivo. Este movimento, entre outras conquistas, conseguiu participar na discussão da escolha do treinador e nas regras referentes à concentração do time na véspera do jogo, apesar de não ter conquistado todos os jogadores. Leão e Biro-Biro eram contra. Depois desta experiência, o futebol brasileiro não foi mais o mesmo. Os sindicatos dos jogadores profissionais de futebol ganharam maior visibilidade, surgiram várias iniciativas para reivindicar mudanças no futebol brasileiro. Na seqüência destes fatos iniciou-se a campanha pelas “Diretas Já”. Novamente a torcida do Corinthians marcou presença participando das passeatas e atos públicos. Quando a decisão foi para o Colégio Eleitoral (Tancredo Neves e Paulo Maluf), no Rio de Janeiro, a torcida do Flamengo estendeu uma faixa no Maracanã: “O Flamengo não Malufa”. Em oposição aos dirigentes do Fluminense que haviam “Malufado” (CALDAS, 2001, 107).

A Copa do Mundo de 1982 realizada na Espanha, de 13 de junho a 11 de julho, apresentou um excelente nível de futebol, destacando-se a Seleção Brasileira como uma das melhores de todos os tempos. Sob a direção do técnico Telê Santana, o time brilhou com uma geração de verdadeiros craques: Zico, Sócrates, Cerezo, Júnior, entre outros. Infelizmente o Brasil ficou em 5º lugar. A Itália venceu e tornou-se, ao lado do Brasil, tricampeã. Em 1985 Tancredo Neves venceu a disputa no Colégio Eleitoral e tornou-se Presidente do Brasil, mas faleceu antes de tomar posse. Que assume é o vice-presidente José Sarney.

Na Copa do Mundo de 1986 realizada no México, de 31 de maio a 29 de junho, calcula-se que a partida final, em que a Argentina sagrou-se campeã, vencendo por 3 a Alemanha, tenha sido assistida por cerca de 652 milhões de telespectadores (WITTER, 1996, 48). O técnico da Seleção Brasileira foi novamente Telê Santana e a base do time foi a mesma da Copa de 1982; no entanto, Zico havia sofrido várias lesões, Falcão não estava em boa forma, entre outros problemas, o que levou o Brasil a repetir a mesma classificação da Copa anterior, isto é, o 5º lugar. O destaque desta Copa foi Diego Maradona, da Argentina.

A Copa do Mundo de 1990 realizada na Itália, de 9 de junho a 8 de julho, consagrou o poderio econômico do futebol italiano. A Alemanha Ocidental sagrou-se campeã, a Argentina ficou com o vice-campeonato e a Itália em 3º lugar. O Brasil amargou o 9º lugar; o técnico foi Sebastião Lazaroni. Este período foi marcado por graves crises no futebol e na política. O futebol foi chamado de “Era Dunga”: sacrificou-se o volante Dunga para simbolizar a nova maneira de jogar da Seleção Brasileira, mais defensiva e pouco criativa. No ano anterior, ocorreu a “Queda do Muro de Berlim”; na primeira eleição direta para Presidente, após 21 anos de ditadura militar, Fernando Collor de Mello venceu, no 2º turno, Luís Inácio Lula da Silva. Collor tomou posse no dia 1º de janeiro de 1990. No dia 2 de outubro de 1991, Collor renunciou à Presidência da República, com o processo de impeachment aberto antes da sua renúncia, teve os seus direitos políticos cassados por oito anos. Assumiu o vice-presidente Itamar Franco. Em outubro de 1993, foi eleito presidente Fernando Henrique Cardoso.

### 3. Mudanças sociais, políticas e religiosas

O período inicial do movimento Atletas de Cristo coincide com uma nova fase das igrejas evangélicas, classificado por neopentecostalismo (MARIANO, 1999). Trata-se de um movimento que provocou mudanças profundas nas igrejas pentecostais. Surgiu a chamada Teologia da Prosperidade e ocorreram mudanças na estética e no comportamento dos evangélicos. Cresceu a “bancada evangélica” no Congresso Nacional. Esta nova fase é também conhecida por “terceira onda” do pentecostalismo (FREESTON, 1994: 67). A igreja mais representativa neste caso é a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977. Outras também importantes são: Sara Nossa Terra (1976); Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e Renascer em Cristo (1986).

Durante a última etapa da Ditadura Militar, especialmente no final da década de 1970, consolidaram-se organizações religiosas de matriz católica, mas que contavam com a participação de membros das igrejas do protestantismo histórico. Por exemplo, a Comissão de Pastoral da Terra (CPT), organismo que assume a causa da Reforma Agrária e que formará os quadros dirigentes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O mesmo ocorreu com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), formado por católicos e luteranos. Estes organismos ecumênicos participaram ativamente dos movimentos pela redemocratização do Brasil, juntamente com outras organizações inter-religiosas. Cabe ressaltar que a maior parte das igrejas pentecostais recusou-se a participar destes movimentos ecumênicos. Uma das exceções foi o caso do pastor Manoel de Mello, crítico da ditadura militar, membro do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), que inclusive participou da celebração em memória ao jornalista Vladimir Herzog, na Catedral de São Paulo, juntamente com o Cardeal Paulo Evaristo Arns e diversas lideranças religiosas (entre elas, o pastor Jaime Wright e o rabino Henry Sobel).

Na década de 1980, consolidou-se o grande movimento de fluxo migratório “campo-cidade”. Os grandes centros urbanos “incharam”, as igrejas pentecostais exerceram sobejamente a função de integradoras do migrante nas grandes cidades. A década de 1980 foi classificada por sociólogos e economistas como a “década perdida”, pois reunia os piores indicadores econômicos: queda no crescimento econômico, altas taxas de inflação, grande número de desempregados, entre outros fatores. Este ciclo culmina com as medidas neoliberais adotadas pela equipe econômica do Governo Collor. A etapa seguinte foi inaugurada no Governo Itamar Franco, com a implantação do Plano Real, conduzido pelo Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

O presidente Fernando Collor de Mello foi o responsável pela implementação das bases de uma nova ideologia sócio-política-econômica conhecida por “neoliberalismo”. A

principal tese do neoliberalismo é a adoção de um “Estado mínimo”, responsável apenas pelo policiamento, pela Justiça e pela defesa nacional. A função do Estado anteriormente pretendida, isto é, gestor de um “Estado de bem-estar-social” é duramente criticada; propõe-se a liberdade de mercado, a livre concorrência, critica-se o papel intervencionista e regulador exercido pelo Estado; portanto, a saúde, a educação, a habitação, o transporte, a legislação trabalhista, entre outras condições essenciais para a vida do cidadão, passam a ser reguladas pela iniciativa privada.

Coincidentemente, neste período surgiram as igrejas neopentecostais, pregando, com base na Teologia da Prosperidade, que “é possível o paraíso aqui na terra”. Grande parte do sucesso dessas igrejas deve-se a esta promessa, segundo a qual, se o fiel seguir as orientações do pastor e pagar o dízimo, ele será bem sucedido e conseguirá realizar os seus desejos. Para exemplificar o que recomenda o Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus: *“Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d’Ele tudo aquilo que Ele tem prometido [...] O ditado popular de que “ promessa é dívida” se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na Sua Palavra é uma dívida que tem para com você [...]. Dar dízimo é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia [...]. Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendemos os espíritos devoradores [...]. Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d’Ele aquilo que prometeu? O dizimista! [...]. Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito e se transformaram em grandes milionários, como o Sr. Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar” (MACEDO: 1990, 36, 54, 79, 84).*

A direção do movimento Atletas de Cristo sempre posicionou-se contrária aos princípios da Teologia da Prosperidade. No entanto, a tentação de associar o sucesso no esporte com a adesão a Deus, está sempre presente nos depoimentos dos atletas.

A sociedade brasileira acostumou-se a reconhecer o estereótipo dos pentecostais, popularmente conhecidos por “crentes”. Os homens e as mulheres devem seguir normas rígidas de conduta, assim exteriorizada: para eles terno, cabelo curto e barba feita; para elas, vestido comprido, cabelos longo e ausência de maquiagem; ambos devem levar a Bíblia nas mãos quando vão à igreja. São proibidos de praticar esportes e freqüentar festas públicas; e, de participar de qualquer tipo de atividade “mundana”. Em outras palavras, vive-se no mundo, mas não pode gozar dos prazeres mundanos. Trata-se da exacerbação do conceito weberiano de “ascetismo intramundano” de viver “exemplarmente” no mundo,

afastando-se de seus prazeres supérfluos. Segundo José Rubens Jardimino, os pentecostais representam “o exército da dupla cidadania” (JARDILINO, 1994: 81).

Esta imagem do pentecostal penetrou de tal forma a cultura brasileira que passou a fazer parte até do repertório de piadas do futebol. Conta-se que durante o Campeonato Brasileiro de futebol de 1997, quando o time do Corinthians passava por uma profunda crise, com sucessivas derrotas, correndo o risco de ser rebaixado para a Segunda Divisão, surgiu a seguinte piada: “dizem que o time do Corinthians converteu-se e virou “crente”. Porque os jogadores não bebem... não fumam... e não jogam... (MATEUS: 1997, 17).

A partir do final da década de 1970, esta característica hegemônica na sociedade brasileira, graças às mudanças provocadas pelas novas igrejas pentecostais, que passaram a ser classificadas por neopentecostais, começa a entrar em declínio. Já no final da década de 1960, Beatriz Muniz de Souza observa as primeiras transformações nos hábitos dos pentecostais (SOUZA: 1969: 106). Mas, é no final da década de 1970 que ocorrem as mudanças mais profundas (MARIANO: 1999); é coincidentemente neste período que surgiu o movimento Atletas de Cristo. As igrejas neopentecostais mudam radicalmente os “usos e costumes” dos evangélicos: introduzem os mais variados ritmos musicais nos cultos e reuniões (samba, pagode, rock, hard rock, hardcore, reggae, funk, hip hop, eletrônica, entre outros), liberam as regras sobre o uso de roupas e acessórios, flexibilizam as orientações sobre comportamento sexual, entre outras mudanças. Uma igreja exemplar desta nova tendência é a “Comunidade Zadoque”, objeto de estudo de Márcia Regina da Costa: “A fachada do templo destoa daquela de uma igreja tradicional. A sua aparência externa, pintada com cores fortes, está mais para um salão de periferia onde ocorrem shows e se apresentam bandas de rock ou grupos de rap do que costumamos esperar par uma igreja. O interior do templo é todo pintado de preto, com luzes especiais usadas para shows, eventos musicais e artísticos. Possui cadeiras que podem ser removidas com facilidade e, no fundo do palco, há uma bandeira do Brasil pintada na parede e uma faixa com os dizeres “Minha Pátria para Cristo” (COSTA: 2004, 241).

Se no passado o violão era qualificado como “instrumento do demônio” e a bola de futebol “ovo do diabo”, hoje em dia são valorizados como instrumentos privilegiados para a divulgação da mensagem evangélica. A maioria das igrejas investe na chamada “música gospel”, esta música tem origem entre os negros americanos na década de 1920, baseada no “spiritual”, canto tradicional nas igrejas evangélicas do sul dos Estados Unidos. Hoje há uma “indústria da música gospel”, com gravadoras de CD, estúdios, festivais e rádios “FM Gospel”, com forte presença no mercado fonográfico. A música gospel faz parte do

proselitismo evangélico (PINHEIRO: 1998). Nossa pesquisa sobre os Atletas de Cristo também mostra o uso do futebol, e demais esportes, como instrumento para a divulgação da mensagem evangélica (NUNES: 2003 e 1999: 206).

#### 4. A identidade dos Atletas de Cristo

É importante destacar que os fundadores dos Atletas de Cristo não pertencem a igrejas pentecostais ou neopentecostais, são membros principalmente da Igreja Batista. São eles que definem os objetivos do movimento e constroem sua identidade. Também cabe registrar que nem todo atleta evangélico pertence ao movimento Atletas de Cristo.

Durante a primeira fase do movimento (década de 1980) consolidam-se os seus objetivos: “A visão de Atletas de Cristo é que o mundo inteiro pode ser alcançado com a mensagem da salvação que há em Jesus Cristo, ainda em nossa geração, se utilizarmos a linguagem universal do esporte. Para isso, Atletas de Cristo baseia seu trabalho nos fundamentos da fé cristã” ([www.atletasdecristo.org](http://www.atletasdecristo.org)).

Concretamente, o objetivo é: ir aos clubes, “anunciar o Evangelho a todo atleta” e convertê-lo ao Cristianismo evangélico; preparar lideranças entre os atletas e membros das igrejas para colaborarem com o movimento.

A auto-definição é assim descrita:

*“Quem somos?”*

*Uma associação de atletas de várias denominações cristãs.*

*Um movimento integrado por desportistas que reconhecem a Jesus Cristo como filho de Deus, Salvador pessoal e único caminho de ligação entre o homem e o Deus único, eterno e criador de todas as coisas.*

*Um grupo de atletas, profissionais e amadores, de várias modalidades esportivas, classes sociais e grupos étnicos.*

*Uma instituição que coopera efetivamente com a igreja local e outras organizações cristãs, promovendo a integração entre as igrejas, novos desportistas e os torcedores por eles influenciados.*

*Quem não somos?*

*Não é uma religião.*

*Não é uma nova seita.*

*Não é nem pretende ser uma igreja.*

*Não substitui a igreja.*

*Não está filiada a nenhuma denominação.*

*Não é um sindicato de desportistas.*

*Não é um time de futebol, nem de qualquer outra modalidade esportiva.*

*Não impõe ritos, nem normas de conduta a ninguém.*

*Não tem cunho ou interesse político.*

O esforço para construir a sua identidade, constitui um dos principais objetivos dos Atletas de Cristo, porque ao relacionar símbolos da tradição evangélica com os símbolos do “mundo esportivo”, define uma identidade capaz de atrair a atenção de atletas e jovens em geral. Segundo Jungblut, os Atletas de Cristo “apropriam-se dos signos da modernidade evangélica para dizerem que nada possuem em comum com ‘os crentões engravatados’, seus ‘irmãos em Cristo’ que não aceitam a mundanidade do futebol. Vestem-se desta modernidade, de sua estética, linguagem, irreverência, para demonstrar a possibilidade que oferecem de se levar uma vida de ‘firmeza na fé’ sem que se tenha que abdicar de toda a sintonia com a atualidade de um mundo que sabem fascinante” (JUNGBLUT: 1994, 146).

## 5. Conclusão

Diante das dificuldades de gerência da carreira, especialmente os jogadores mais remunerados e mais expostos à mídia, buscam fórmulas para atingir o equilíbrio, por um ascetismo exigido pelos dirigentes de futebol.

É nesse contexto que surge no Brasil, por volta de 1980 o movimento Atletas de Cristo: “Salientando, através de leitura da Bíblia e de reuniões religiosas, o lado mais disciplinar e ascético necessário à carreira de esportista, o grupo vem atender aos dilemas e tensões dos profissionais de futebol, intensificados com a maior mercantilização do seu esporte e com as pressões de um hedonismo consumista que dificultam a gerência da carreira estruturalmente instável, atravessada por fatores incontrolláveis e de curta duração” (LOPES: 1996, 23).

Conclui-se que os Atletas de Cristo estão na confluência entre a emergência de práticas religiosas laicizadas, dada a grande difusão de igrejas neopentecostais (PIERUCCI e PRANDI: 1996) e a modernização das estruturas de um futebol cujo apelo à

racionalidade, organização institucional e modernidade tem predominado sob um futebol passional, semi-profissionalizado e amador (HELAL: 1997).

\* Este artigo é parte da dissertação de mestrado, com algumas adaptações e atualizações.

## 6. Bibliografia

CALDAS, Waldenyr. *Temas de cultura de massa: música, futebol, consumo*. São Paulo: Arte e Ciência-Villipress/ECA-USP, 2001.

COSTA, Márcia Regina da. *Tribos Urbanas, Comunidade Zadoque e os Carecas de Cristo*. In: BERNARDO, Teresinha e TÓTORA, Silvana (orgs.). *Ciências Sociais na Atualidade: Percursos e desafios*. São Paulo: Cortez, 2004.

FLORENZANO, José Paulo. *Corinthians: do time do povo ao futebol empresa*. In: COSTA, Márcia Regina da ( et al). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

JARDILINO, José Rubens Lima. *As Religiões do Espírito: uma visão histórico-teológica do pentecostalismo na década de 30*. São Paulo: ISER/CEPE, 1994.

JUNGBLUT, Airton Luiz. *Entre o Evangelho e o Futebol: um estudo sobre a identidade religiosa de um grupo de Atletas de Cristo em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

KFOURI, Juca. *A emoção Corinthians*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOPES, José Sérgio Leite. *Sucessos e Contradições do Futebol "Multirracial" Brasileiro*. Rio de Janeiro: URFJ, 1996 (mimeo).

MACEDO, Edir. *Vida em abundância*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MATEUS, Odair Pedroso. *Sobre Corintianos e Puritanos*. In: Revista Tempo e Presença. Novembro/Dezembro-1997, n. 296, p. 17-18.

- MURRAY, Bill. *Uma história de futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.
- NUNES, Francisco José. *Os Atletas de Cristo no País do Futebol*. In: COSTA, Márcia Regina da (et al) *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- \_\_\_ *Atletas de Cristo: aproximações entre futebol e religião*. Dissertação de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC/SP, 2003.
- PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec/USP, 1996.
- PINHEIRO, Márcia Leitão. *O proselitismo evangélico: musicalidade e imagem*. VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo: 22 a 25 de setembro de 1998 (mimeo).
- RIBEIRO, Alex Dias. *Atletas de Cristo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- SOUZA, Beatriz Muniz de. *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- \_\_\_ SOUZA, Beatriz Muniz de, GOUVEIA, E.H. e JARDILINO, J.R.L. (orgs.). *Sociologia da Religião no Brasil: revisitando metodologias, classificações e técnicas de pesquisa*. São Paulo: UMESP, 1998.
- TOSTÃO (Eduardo Gonçalves). *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol*. São Paulo: DBA, 1997.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996, 11<sup>a</sup> edição.
- WITTER, João S. *Breve história do futebol brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.